

ENSINO MAGAZINE JOVEM

SUPLEMENTO DO
ENSINO MAGAZINE
OUTUBRO 2025

DISTRIBUIÇÃO
GRATUITA

ESCRITOR PORTUGUÊS FALA DO SEU ÚLTIMO LIVRO

‘O ÚLTIMO AVÔ’ DE AFONSO REIS CABRAL

Diogo Braz é o novo
presidente da FADU

o Velho
e a Espada

Metroid Prime 4:
Beyond

Design Gráfico: Rui Salgueiro

Marta d'Orey

Publicidade

 **Cabazes Origem**

EM PROENÇA-A-NOVA,
A TRADIÇÃO PARTILHA-SE À MESA.



Tradição | Partilha | À Mesa

Encontre estes e outros produtos:
CENTRO CIÊNCIA VIVA DA FLORESTA | POSTO DE TURISMO | MERCADO DE BENFICA - Lisboa | LOJA ONLINE

www.proencanovaorigem.pt



O lançamento do seu último romance é o pretexto para uma conversa com um dos mais aclamados e premiados escritores da nova geração.

Já reconheceu que o romance que acaba de lançar, «O Último Avô», é o livro mais complexo que escreveu até hoje. Qual é a explicação que encontra?

Todos os meus três romances são ficcionais, mas os dois primeiros partem de assuntos que, de uma maneira ou de outra, tive de estudar e também conhecer de perto. O meu romance de estreia fala de dois irmãos, inspirado no meu irmão mais novo, portador de Síndrome de Down. Por seu turno, o «Pão de Açúcar» parte do caso Gisberta, a transexual assassinada por um grupo de rapazes, nas ruas do Porto, em 2006. Embora o livro seja ficcional, tal como o primeiro livro, «O Meu Irmão», tem uma âncora com a realidade. Já este, «O Último Avô», continuando a ser literatura ficcional, não parte de uma pedra de toque ou de um edifício intelectual que já existisse, de alguma maneira. Esta é a história de um homem de 80 anos que queima, no jardim das traseiras de casa, um manuscrito que escreveu ao longo da vida. E associado a esta imagem existiam várias perguntas às quais eu precisava de dar resposta em forma de literatura. Este é porventura o meu livro mais imaginativo, mas ao mesmo tempo o que tem menos âncoras e menos proximidade. Em simultâneo, tem uma certa complexidade de temas e muitos riscos. Este livro apresenta tempos narrativos diferentes que se cruzam. Confesso que descobrir e montar isto foi, de facto, muito difícil.

A guerra colonial é um tema que não é abordado pelas novas gerações de romancistas. Tocou numa ferida ainda aberta da história recente do país?

Sim, a guerra colonial é, certamente, uma ferida aberta. E para tocar nela teria de ser uma perspetiva completamente diferente da tradição literária que existe, nomeadamente dos escritores que escreveram romances em torno dessa experiência pessoal e que foram combatentes e até do registo de partilhas em forma de diários e de memórias. Por isso, pareceu-me que a perspetiva que podia, numa penada, unir gerações diferentes (ou seja, a geração que participou na guerra colonial e a minha, que não faz ideia do que isso foi) numa problemática que é nossa, era converter o livro numa história familiar, em que a guerra colonial servia como pano de fundo. A história desta família tem, à semelhança de tantas outras famílias, a ferida da guerra colonial presente. Este livro é, portanto, um encontro de gerações e procura vencer o desafio de ultrapassar fronteiras que se colocam entre estas gerações, sendo a guerra colonial uma delas.

Revelou que falou muito com o seu pai que foi capitão miliciano em angola, em N'dalatando e Cabinda, os cenários principais do livro. Qual foi a importância destes relatos para a construção e investigação da obra?

As memórias do meu pai estiveram sempre presentes, aliás, como acontece em muitas famílias. Muitas vezes a gestão dos silêncios e os tabus significam até mais do que as histórias relatadas. Na escrita do romance propriamente dita o meu pai foi uma espécie de assessor, até do ponto de vista factual, no sentido de me orientar sobre a descrição da minha escrita, enquadrando-a



Vitorino Coragem

no tempo e no espaço que ele viveu. Isto sem esquecer a literatura de guerra colonial que, paralelamente, consultei. Em suma, deixei que a literatura e a ficção crescessem neste ambiente.

Disse que no processo de escrita e criação, «cada frase é um embate». É um escritor que lança obras com um certo espaçamento no tempo – esta surge sete anos depois de «Pão de Açúcar». Isto deve-se ao facto de necessitar de consolidar a amadurecer ideias e narrativas?

O ponto essencial é que, por temperamento, desconfio permanentemente do que faço. É isso que explica o tal embate com cada frase e com cada parágrafo escrito. Essa luta não se faz todos os anos ou de um dia para o outro. Ao mesmo tempo, o compromisso que tenho com a literatura é escrever algo que seja suficientemente bom e que mereça ser publicado. E não acho que isso se consiga ao escrever um romance todos os anos. E como perguntou, de facto, acho que é preciso amadurecimento, estudo e tempo, para que cada livro seja um mundo em si mesmo. Finalmente, os temas que trato não podem, de maneira nenhuma, ser abordados de forma leviana. A literatura é, por isso mesmo, uma forma oposta de olhar o mundo de forma leviana. E depois a vida também acontece – casei, tive uma filha, etc.

Escreve desde os nove anos de idade. Ter sido escritor dependeu de influências familiares (no seu caso é conhecida sua relação familiar com Eça de Queiroz) ou considera que é uma vocação? Nasce-se escritor?

Não sei se alguém nasce alguma coisa. Sinceramente acho que, desde muito pequeno, que tenho essa vocação. Para além disso, foi essencial ter a ilusão dessa vocação desde muito cedo e o ambiente familiar em que cresci contribuiu para

essa realidade. Comecei a escrever desde muito novo e ao fim de alguns anos tornou-se numa espécie de traço de personalidade, uma condição “sine qua non” – não consigo existir sem que a escrita exista. Quando estou a escrever mal ou com dificuldade, costumo associar isso a uma dificuldade de temperamento. Se quiser, é como se a escrita se tivesse entrosado com o meu carácter.

«É muito difícil chamar a atenção das pessoas para um livro», disse numa entrevista. Apesar de as nossas feiras do livro, em Lisboa e Porto, serem sempre grandes momentos literários, o tempo que se dedica à leitura no nosso país é ainda residual?

Os índices de leitura têm sido mais favoráveis e otimistas nos últimos tempos. Lembro-me do falecido Pedro Sobral e de como ele era um entusiasta de um crescimento, cada vez maior, dos índices de leitura. Eu tenho essa perspetiva otimista. Os recentes dados sobre o crescimento do mercado livreiro assim o demonstram, seguindo a mesma tendência desde a pandemia. O que não quer dizer que, comparativamente com outros países, não haja um contraste grande. Em Portugal é muito grande o número de pessoas que só lê um livro por ano ou não lê nenhum livro. E nem sempre as leituras são ficção ou propriamente literatura.

E qual é a resposta da faixa etária mais jovem?

Também se regista um crescimento entre os jovens, muito fruto do “TikTok” ou de outras redes sociais, o que é muito interessante. Encarar com desconfiança os novos leitores que nascem nesses ambientes é também um pouco “snob”. Deve ser dado espaço e tempo às novas tendências, sem desconfianças, que se pode traduzir na leitura de ficção comercial, “thrillers” e por aí

fora. Esse pode ser um começo para, mais tarde, se progredir para obras com outra densidade. Acho que é importante não privar uma planta de oxigénio quando ela está a crescer.

A atenção humana é um recurso escasso, valioso e muito disputado. Há condições de ler e absorver a essência de um livro perante tantos estímulos e distrações, nomeadamente os provenientes das redes sociais?

Os nossos cérebros estão viciados no imediatismo. E digo viciados no sentido clínico do termo – muitos estudos indicam que a nossa química cerebral se altera perante os estímulos rápidos e também do próprio empolgamento que as redes sociais geram e dos temas que impactam, e que são as polémicas, os escândalos e a indignação. É isso que é devorado pelo algoritmo, que nos capta a atenção e nos mantém agarrados. A literatura é o contrário. É um silêncio cheio de vozes e de outro tipo de estímulos intelectuais, incomparavelmente mais recompensadores do que o imediatismo.

Falando sobre os novos autores. Como escritor da nova geração, deviam existir mais incentivos para a atribuição de bolsas literárias?

As bolsas de criação literária foram reformuladas recentemente e, para ser franco, não estou propriamente a par da atual situação em termos de apoios públicos. Mas tenho alguns amigos que se estão a candidatar e procurarei informar-me. Independentemente disso, são precisos mais apoios e, sobretudo, um ambiente cultural que acolha melhor os novos autores. É evidente o défice enorme que existe em termos de crítica literária, o que acarreta falta de projeção e até encontro com os leitores através dos jornais. Muitos livros acabam perdidos no meio das livrarias e rodeados de silêncios. E não estou a dizer isto

em causa própria, até porque o percurso tem-me corrido bem e sou um privilegiado.

A Inteligência Artificial (IA) é um dos desafios que, a pouco e pouco, vai chegando a todas as áreas da sociedade. Acredita que o livro vai resistir e afirmar-se como o último reduto cultural? Antes de mais, devo dizer que a IA é uma ferramenta extraordinária. A partir do momento em que está inventada, não a podemos negar. É incontornável. O que temos de fazer é controlá-la. Prever os seus riscos e legisla-la, nomeadamente no que diz respeito aos direitos de autor. Na dimensão literária defendo que é preciso controlá-la e limitar eventuais perigos. Dito isto, não podemos prescindir da IA, ao nível da medicina, da farmacologia e outras áreas relacionadas. A IA tem potencial para ser a salvação, mas também pode ser a perdição. Apesar de tudo, a inteligência biológica é muito maior do que a IA. Somos animais emocionais que raciocinam. A IA tenta simular a emoção e nunca conseguirá reproduzir isso em termos de literatura. Veremos como será a sua evolução nos próximos anos. Também me apercebo de um certo cansaço e desconfiança das pessoas em relação ao que é produzido digitalmente. Nesse sentido, o livro pode ser, de facto, um reduto extraordinário para encontrarmos a nossa humanidade.

A autora japonesa Rie Qudan reconheceu ter

Nuno Dias da Silva

CARA DA NOTÍCIA

Distinguido com os prémios LeYa e José Saramago

Afonso Reis Cabral nasceu a 31 de março de 1990, no Porto. Escritor e editor, formou-se em Estudos Portugueses pela Universidade de Lisboa e tem desenvolvido uma carreira tanto na escrita como noutras áreas culturais, incluindo a edição e participação em projetos de inclusão social. O primeiro romance, “O Meu Irmão”, venceu o Prémio LeYa e o segundo, “Pão de Açúcar”, foi distinguido com o Prémio Literário José Saramago. Acaba de lançar “O Último Avô», com a chancela da LeYa. Desde 2022, desempenha também a função de presidente da Fundação Eça de Queiroz. ■



DIOGO SALGADO BRAZ É O NOVO PRESIDENTE DA FADU

Diogo Salgado Braz, aos 25 anos, é o novo presidente da Federação Académica do Desporto Universitário (FADU). O dirigente sucede no cargo a Ricardo Nora, após as eleições realizadas no dia 7 de outubro, em que também concorreu Tiago Teixeira. Diogo Braz obteve 61% dos votos, informou, em nota a FADU. A tomada de posse irá decorrer em novembro. Diogo Salgado Braz é o 14.º presidente da instituição, e tem ao seu lado na direção, Pedro Longo, como administrador, Tomás Nascimento, como primeiro vice-presidente, e Rita Soares, Diogo Gomes, Inês Rebelo, Tiago Baptista, Lara Ferreira e Luís Jorge, como vice-presidentes. A Assembleia Geral é liderada por Francisco García, que tem a seu lado Diogo Gomes e Joana Pinheiro. Por sua vez o Conselho Fiscal tem como presidente Pedro Santos, incluindo ainda os nomes de Beatriz Medela e Leonor Jesus. A FADU tem também um Conselho de Disciplina, que será presidido por Guilherme Macedo, integrando os nomes de Margarida Betencourt e Rafael Costa. Citado na informação disponibilizada pela FADU, Diogo Salgado Braz considera que “a expressiva vitória é o reflexo da confiança dos estudantes, dos clubes e de todos os que acreditam no nosso projeto, assim como no valor do desporto universitário. É uma vitória coletiva, de toda a família FADU.” Sobre o futuro, o dirigente acrescentou: “Assumimos o compromisso de continuar a fazer crescer o desporto universitário em Portugal, com um projeto que respeita o legado do passado, e projeta a FADU em toda a sua linha de ação. Queremos uma FADU próxima dos clubes, mais moderna, mais digital e mais inclusiva. Uma FADU que forma, educa e desenvolve.” ☺

usado a IA no processo de escrita. É uma séria ameaça aos autores? Certamente. Será a desconfiança relativamente à própria voz autoral. É um assunto muito delicado. Se noutras áreas pode ser uma ajuda técnica, a intromissão da IA na literatura é uma forma de imiscuir-se na nossa alma. E isso é perigosíssimo.

É frequente ser convidado para conversas literárias e palestras com estudantes um pouco por todo o país. Nos minutos de proximidade com os mais jovens, o que é que tem retido dessas interações? Há um certo fascínio sobre a criação literária. Como é que se escreve um livro, por exemplo. Tenho-me cruzado com adolescentes interessados em escrever e alguns já em processo de escrita. E sugestões de novas leituras. Aproveito nestas sessões para perguntar aos alunos sobre o que andam a ler. Claro que também existe muita indiferença. Mas acho que o facto de existir interação e interesse por estas sessões tem muita a ver com os professores. A carreira de professor está cheia de dificuldades, mas o melhor que um professor pode fazer é que os seus alunos descubram o que há de melhor em si mesmos.



1 The life of a showgirl
Taylor Swift



2 What's the story
morning glory – Oasis

3 The art of loving
– Olivia Dean

4 Man's best friend
– Sabrina Carpenter

5 Fight another day
– James Morrison

6 Time Flies – 1994-2009
– Oasis

7 The highlights
– Weekend

8 50 years – Don's Stop
– Fleetwood Mac

9 + - = Divide X – Tour
Collection – Ed Sheeran

10 You'll be alright
kid (Chapter 1)
– Alex Warren

Fonte: APC Chart



1 The fate of Ophelia
– Taylor Swift



2 Opalite – Taylor Swift

3 Elizabeth Taylor
– Taylor Swift

4 Man I Need
– Olivia Dean

5 Golden – Huntr/X/EJAE/
Audrey Nuna/Rei

6 Where is my husband
– Raye

7 Soda Pop – Saja Boys/
Andrew Choi/Neckwav

8 Nice to each other
– Olivia Dean

9 Your Idol – Saja Boys/
Andrew Choi/Neckwav

10 12 to 12 – Sombr

Fonte: APC Chart



O Velho e a Espada

Das assombradas florestas da Beira Baixa nasce uma energia maléfica. Sem temer Deus ou Homem, percorre os vales colhendo almas dos que se distraem com os fugazes prazeres do imediato. A única coisa que separa estas entidades do apocalipse final é um improvável herói: um reformado da construção civil, uma garrafa de vinho, uma Zundapp 50 e uma espada possuída pelo espírito de um estranho demónio. ☹



Título Original: O Velho e a Espada; Comédia, Fantasia; Data de Estreia: 23/10/2025; Realização: Fábio Powers; País: Portugal; Idioma: Português

Fonte: Castello Lopes



Metroid Prime 4: Beyond

A maior caçadora de recompensas da galáxia, Samus Aran, tem de explorar o misterioso planeta Viewros. Ajuda-a a explorar este planeta ao analisar as estátuas de pedra e a ruínas para encontrares as pistas que te permitam avançar. Luta contra o seres abomináveis que habitam neste planeta e conquista habilidades psíquicas à medida que avanças nesta exploração e usa-os para ajudar a raça alienígena Lamorn que existiu outrora no planeta Viewros. ☹

Fonte: Nintendo



Logitech Astro A20 X

O Astro A20 X destaca-se pelo sistema PLAYSYNC AUDIO, que permite alternar entre duas consolas (ou consola e PC) com um simples toque, sem nunca perder áudio nem controlo. O som é cristalino, contando com drivers de 40mm e suporte para LIGHTSYNC RGB personalizável, com 16,8 milhões de cores para um visual que combina com qualquer setup. O microfone destaca-se pela gravação a 48 kHz e integração Blue VO!CE, garantindo voz nítida em todas as comunicações. ☹



Fonte: PC Diga

Publicidade



V FICCB

DIREÇÃO ARTÍSTICA - CARLOS ALVES

24 OUT.

Abertura Festival

Exposição de Clarinetes Históricos do Prof. Manuel Lemos
Foyer do Cine-Teatro Avenida

Concerto de Abertura - Orquestra Sinfonietta de Castelo Branco

Solistas **Florent Héau, Carlos Alves e Roman Widaszek**

Maestro **Bruno Cândido**

Grande Auditório do Cine-Teatro Avenida

25 OUT.

Apresentação do livro "Clarinete.Pt"

pelo autor, Prof. Dr. Nuno Silva
Foyer do Cine-Teatro Avenida

Apresentação Buffet Crampon & Vandoren

Artistas

Foyer do Cine-Teatro Avenida

Concerto de Gala - Orquestra Clássica do Centro

Solistas **Carlos Ferreira, Sarah Williamson e Nuno Silva**

Maestro **Sérgio Alapont**

Grande Auditório do Cine-Teatro Avenida

26 OUT.

Concerto Aberto a todos os Alunos e Professores de Clarinete - Ensembles

Foyer do Cine-Teatro Avenida

Concerto de Encerramento - Ensemble de Clarinetes da Esart c/Convidados

Solistas **Florent Héau, Carlos Ferreira e Roman Widaszek**

Maestro **Pedro Ladeira**

Grande Auditório do Centro de Cultura Contemporânea de Castelo Branco

*Descontos disponíveis. Pack 3 concertos 15€.



24 - 26 OUT.

Patrocinador principal:



Patrocinadores:



Apoio na organização:



Apoio:

